

Avaliando Artes

Lima, Maria Stela Beraldo de

Veröffentlichungsversion / Published Version
Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Lima, M. S. B. d. (2006). Avaliando Artes. *ETD - Educação Temática Digital*, 7(esp.), 117-131. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-103556>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more Information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

AVALIANDO ARTES

Maria Stela Beraldo de Lima

RESUMO

Procuro neste texto, discutir o processo de avaliação na escola de modo geral e em específico, na disciplina de Artes, tendo como questões mobilizadoras: O que significa avaliar em Artes? É possível dar nota nesta disciplina? Se deixar de dar nota, estarei avaliando? Para buscar os caminhos destas difíceis respostas, inicio, a partir da minha participação no projeto “Escola Singular: ações plurais”, um processo de estudo e reflexão teórica contribuindo sobremaneira para o modo como venho desenvolvendo minha prática no que se refere à disciplina de Artes.

PALAVRAS-CHAVES

Avaliação; Ensino de arte; Aprendizagem

THE PROCESS OF ASSESSMENT IN THE ARTS' LESSONS

ABSTRACT

I intend with this text to discuss the assessment process at the school and at the Arts class, having as mobilizing questions the following: What does it means to assess in Arts? It is possible to give notes in this topic? If I don't give marks, will I be assessing them? To search the answers for these difficult questions, I begin, since my participation at the project “Singular school: plural actions”, a study and theory reflection process, contributing extremely to the way I've been developing my practice in what it refers to the Arts subject.

KEYWORDS

Assessment; Arts teaching; learning.

INTRODUÇÃO

Concluí o curso de Artes Plásticas na Pontifícia Universidade Católica de Campinas em 1976, quando trabalhava numa empresa multinacional na área de finanças.

Fui contratada por uma escola particular para dar aulas no ensino fundamental e 1º ano do ensino médio, em curso supletivo, à noite, assim trabalhava na empresa durante o dia e dava aula à noite. Meus alunos eram adultos. Eu não tinha experiência em dar aulas. Consegui junto às editoras algumas coleções de livros didáticos para poder preparar minhas aulas. No início procurava nos tais livros assuntos que eu achava interessante. Levava também alguns artigos de revistas e jornais que falavam sobre artes para ler e discutir com os alunos. Eles gostavam bastante. Os trabalhos artísticos eram feitos na sala de aula e os únicos materiais disponíveis eram um caderno de desenho, lápis,

borracha, lápis de cor e giz de cera. Com o tempo eles concordaram em comprar um conjunto de seis cores de tinta guache pequeno e um pincel cada um. Assim, no dia de aula de artes, cada aluno trazia seu próprio material. Nesta época eu propunha um trabalho que, a meu ver, era interessante para cada classe a partir de minhas pesquisas nos livros didáticos. Planejava os conteúdos e copiava os outros dados do planejamento dos próprios livros didáticos que traziam modelos prontos. Eu mantinha um ótimo relacionamento com meus alunos, que eram de minha idade ou mais velhos que eu. A grande maioria adorava fazer os trabalhos, faziam com o maior prazer e carinho. Muitas vezes repetiam o trabalho em casa ou faziam variações deles. Minha proposta era que os alunos fizessem os trabalhos. Era muito simples avaliar, pois mesmo aqueles que não gostavam muito de fazer trabalho em artes faziam pelo envolvimento com a sala. Aprendi muito com os alunos.

Minhas primeiras perguntas sobre avaliação em artes vêm deste tempo. Certa vez uma senhora me perguntou qual a importância de dar nota em artes. Ela disse que era importante dar nota em português, pois se não soubesse escrever direito teria problemas em sua vida, mas...para quê servia a nota de educação artística (nome da disciplina na época)? Na verdade, eu não soube responder a esta pergunta. Porém este dilema começou a me inquietar naquele tempo: Dar ou não nota nos trabalhos artísticos? Se der nota, o que estarei avaliando? Se não der nota estarei deixando de avaliar o trabalho? Avaliar em artes significa dar uma nota? Acredito que estes dilemas ainda me acompanhem. Trabalhei nesta escola por sete anos até que ela encerrou as atividades.

Em 1990, prestei concurso na Prefeitura Municipal de Campinas para o cargo de Professora de Educação Artística e assumi como professora efetiva em julho de 1991. No início de 1992, me removi para a EMEF *Padre Francisco Silva* assumindo todas as aulas da escola, isto é de 1ª a 8ª séries. Em 2003, por motivos particulares me afastei das aulas de 5ª a 8ª séries permanecendo com as de 1ª a 4ª.

Em 1991, quando ingressei na Prefeitura Municipal de Campinas não tinha experiência alguma em dar aulas para crianças. Estava afastada fazia algum tempo da sala de aula, assim era grande a preocupação em iniciar o trabalho. A Secretaria Municipal de Campinas oferecia Grupo de Estudo direcionado aos professores das diversas disciplinas coordenado por docentes da UNICAMP. No grupo de artes os professores tinham a oportunidade de estudar, trocar experiências, discutir. Participei também do projeto Arte-Educação, do mesmo modo oferecido pela Secretaria Municipal de Educação (SME), porém coordenado por uma professora de artes. Este projeto tinha a participação de professores de diversos níveis, inclusive do infantil e pré.

Participar destes grupos de estudos foi muito proveitoso, pois além de estudarmos e discutirmos a respeito da inclusão da História da Arte no currículo, o fazer pelo fazer, o trabalho interdisciplinar, os

diversos materiais no trabalho artístico, as diversas linguagens, o multiculturalismo no Brasil, o estudo do folclore, entre outros assuntos, tínhamos oportunidade de fazer oficinas para os colegas que depois avaliavam o trabalho. Eu pensava nas oficinas como uma atividade em si, como um conteúdo. Se foi boa ou não. Se o colega conseguiu ensinar o aluno a fazer aquele trabalho ou não. Eu não pensava a respeito do que desenvolver no aluno com aquela atividade, porém as questões relacionadas à avaliação continuavam a me inquietar.

Em 1999, um grupo de professores da EMEF *Padre Francisco Silva* entrou para o Programa de Ensino do Projeto *Flora Fanerogâmica*¹ do estado de São Paulo. Felizmente eu fazia parte deste grupo. Aprendi a importância do trabalho em grupo e mudei completamente meu conceito de avaliação. Avaliar já não era mais só para dar nota. A avaliação poderia servir a vários fins: para saber se todos os alunos aprenderam, para saber o que aprenderam, para saber como foi minha aula, e muitas coisas mais. A maior revelação para mim, porém foi saber que através de uma avaliação feita nos alunos eu poderia saber como foi a minha aula! Até então eu só avaliava os alunos... Eu ficava sempre de fora. Afinal eu era a professora. Eu estava ensinando!... A partir daí, a avaliação ficou muito mais valiosa para mim. Acredito que neste momento minhas aulas também se transformaram.

Em 2003, fui contratada por uma escola particular de Campinas para dar aula de artes para crianças de pré a 4ª série. Em 2004, com a mudança da mantenedora fomos convidados a mudar o enfoque do planejamento que eram os projetos e conteúdos. Privilegiaram-se as habilidades e competências a serem desenvolvidas e a partir delas se pensa nos projetos e conteúdos.

A EMEF *Padre Francisco Silva*, onde trabalho há treze anos, é uma escola muito especial. Temos o privilégio de ter grupos de professores (grupos no sentido das pessoas mudarem constantemente, ano após ano) interessados em transformações e melhorias. Um grupo que busca um ensino de qualidade apesar das dificuldades encontradas na escola pública, que são falta de locais apropriados, laboratório, sala de artes, e até falta de espaço físico mesmo.

Buscando solução para diversos problemas desta escola, tanto de aprendizado como de comportamento, a partir de 2003 temos tido a oportunidade de contar com a parceria da UNICAMP através da coordenação de Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla.

Tínhamos dois grupos de trabalho docente coletivo (TDC), um de 1ª a 4ª série e outro de 5ª a 8ª. Eu participava do de 5ª. à 8ª, onde o assunto era a indisciplina. Quando deixei as aulas de 5ª a 8ª passei

¹ O Projeto Flora, realizado na EMEF Padre Francisco Silva no período de 1998 – 2001, apoiado pela Fapesp, teve como objetivo sensibilizar os alunos para outras formas de se estudar o conteúdo de botânica, fugindo do modelo tradicional em que este se mostra extremamente teórico e desestimulante para os alunos. Este projeto, embora seja da área de biologia, contou com a participação de professores de diversas áreas, promovendo a realização de um trabalho interdisciplinar.

a participar do outro grupo que, naquele momento, buscava refletir sobre o processo de alfabetização. Neste novo grupo as professoras discutiam textos, estudavam as correntes teóricas de Psicologia, analisavam o trabalho realizado com as crianças relativo à leitura e escrita, avaliação e critérios de aprovação. Percebi que o processo de avaliação também era sofrido para elas, pois não tinham bem claros os parâmetros para a aprovação ou retenção dos alunos. Assim foram identificados diversos dilemas comuns às professoras. A partir deles foram indicadas leituras buscando fundamentar teoricamente o grupo para buscar soluções menos sofridas e mais embasadas. Em 2004, além dos encontros semanais de duas horas de Trabalho Docente Coletivo (TDC), contamos com mais duas horas de Grupo de Trabalho (GT).

A princípio achei muito enfadonho participar daquelas discussões que falavam de como o aluno aprende, processo de alfabetização, correntes teóricas, frustrações das professoras acerca de terem ou não ensinado seus alunos. Eu queria pensar sobre as teorias de avaliação em artes. Após algumas reuniões, comecei a perceber que muitas das inquietações das colegas eram parecidas com as minhas. No processo criativo algumas coisas são parecidas com o processo de alfabetização. Assim como acontece na alfabetização, onde a criança precisa: decifrar o código, perceber as diferenças entre maiúscula, minúscula, numerais, letra de forma e cursiva, escrever na linha, entender o que lê, para comunicar-se através da leitura e da escrita, no processo de alfabetização, sendo que em artes, um processo parecido acontece. É preciso utilizar convenientemente o espaço, aprender técnicas de pintura com diversos materiais, conhecer outras técnicas em artes visuais, como escultura e produção de objetos, aprender a observar a natureza e a arte. Através do desenvolvimento de trabalhos artísticos, utilizando as diversas técnicas e materiais, a criança tem a oportunidade de perceber-se um ser criativo, capaz de desenvolver a própria linguagem artística. Como no estudo de línguas, a criança precisa entrar em contato com os mais diversos tipos de textos, em artes precisa entrar em contato com obras de arte e artistas para ter a oportunidade de aumentar seu repertório, mas ter também a oportunidade de por meio de uma proposta bem direcionada, desenvolver o próprio trabalho.

A partir da aprovação do projeto pela FAPESP, em outubro de 2004 houve uma nova organização do grupo em sub-grupos. Optei pelo grupo VI – AVALIAÇÃO – Em relação à avaliação do processo ensino-aprendizagem: o que, como, por que e para quem avaliar? No início, outros colegas se interessaram pelo assunto, mas desistiram integrando-se a outros sub-grupos. Por este motivo acabei sozinha. Por não encontrar um horário compatível e também porque queria mesmo pesquisar este assunto, não ingressei em outros sub-grupos. Este fato dificultou muito meu trabalho, pois não houve possibilidade de trocas e reflexão em grupo. Mesmo assim, continuei minha pesquisa,

buscando fundamentação teórica e avaliando meu trabalho em relação aos alunos e o trabalho de meus alunos em relação à minha proposta. Nesta fase recebi o apoio e sugestões da coordenadora do grupo e de algumas colegas. Mesmo permanecendo sozinha no sub-grupo, me mantive no GT participando das discussões e dos seminários que acontecem bimestralmente com todo o grupo de professores.

É imperioso dizer que ter um grupo de pesquisa, coordenado por uma equipe da universidade, que pesquisa junto com os docentes e a direção da escola, buscando juntos as soluções é um grande salto de qualidade tanto para a escola como um todo como para a universidade, pois não basta a universidade mandar estagiários para assistir aulas, anotar, fazer relatórios. É importante estar junto, presente. A escola muitas vezes vê a universidade como algo distante e ignorante em relação ao que realmente acontece lá. Por sua vez a universidade gera conhecimento, mas normalmente, desconhece as reais necessidades da escola. Daí a grande importância de uma equipe da universidade estar dentro da escola, participar das reuniões e das atividades, discutir junto com a equipe da escola todos os assuntos. Unindo a teoria à prática, o professor fica mais seguro e direciona melhor o trabalho. A universidade amplia seus horizontes, pesquisando na prática a teoria estudada. Com isso, acredito, os alunos terão um ensino com aprendizagem de real qualidade. É este o papel da universidade dentro da escola; e este grupo, através de excelente coordenação, tem cumprido.

Ser professora pesquisadora de minhas próprias ações no ato de avaliar seria impossível se não estivesse num grupo de trabalho onde todos colocam com clareza suas visões, suas angústias, seus erros e acertos. No grupo, o ato de avaliar é discutido, inclusive quando avaliamos nosso próprio trabalho. Aí fica muito claro o papel da universidade, que não traz soluções milagrosas, mas, orienta as discussões, assessora e traz fundamentação teórica, evitando os “achismos” e idéias sem fundamento. Assim os professores sentem-se seguros e embasados para tomar decisões e fazer as escolhas, discutindo e pensando juntos.

Analisando meu percurso de professora de artes, vejo que este dilema vem me acompanhando. Devo ou não avaliar e dar nota nos trabalhos produzidos em artes? Qual o significado de avaliar em artes? Que instrumentos utilizar. O que pretendo com esta avaliação? Que benefícios meus alunos terão com esta avaliação? Devo diferenciar os alunos que têm facilidade dos que têm extrema dificuldade? A avaliação serve para identificar estas dificuldades? Que instrumentos utilizo para identificar as dificuldades? O aluno tem dificuldade ou falta de treino ou de desenvolvimento das habilidades para desenvolver o trabalho? Que direcionamento estas avaliações me dão para ajudar os alunos a vencer as dificuldades? Li alguns artigos sugeridos pela coordenadora do grupo, busquei material que já tinha

estudado e busquei na Biblioteca Ruth Rocha² alguns livros para entender o conceito de avaliar e tentar aplicar em artes.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998):

A avaliação subsidia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre a sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalho e a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo o grupo. Para o aluno, é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para reorganização de seu investimento na tarefa de aprender. Para a escola, possibilita definir prioridades e localizar quais aspectos das ações educacionais demandam maior apoio (p.81).

Depresbiteris (1989) escreve sobre os vários caminhos para abordar o tema avaliação da aprendizagem. Dentre os diversos caminhos descritos por ela, optei pelo parágrafo onde faz uma síntese das idéias de alguns autores. O que mais me atraiu foi o conceito trazido pela autora que diz:

...a avaliação tem uma função energizante que se faz sentir no momento em que o aluno visualiza os meios de atingir os objetivos propostos. O aluno sente-se estimulado a trabalhar de forma produtiva quando percebe que: (a) há uma finalidade no trabalho que o professor propõe; (b) seus resultados são estudados juntamente com o professor e (c) seu desempenho é comparado com ele próprio, e seus progressos e dificuldades são vistos a partir de seu próprio padrão de desenvolvimento, necessidades e possibilidades.

Segundo o Enceja (2002 *apud* Progresso 2004),

O foco da avaliação recai sobre a aferição de competências e habilidades com as quais transformamos informações, produzimos novos conhecimentos, reorganizando-os em arranjos cognitivamente inéditos que permitem enfrentar e resolver novos problemas. (p.27).

Continuando a pesquisa ainda concordando com o autor citado acima,

Considerando as características do mundo de hoje, quais os recursos cognitivos que um jovem, conluente da educação básica, deve ter construído ao longo deste período? A matriz de competências do ENEM expressa uma hipótese para isso, ou seja, assume o pressuposto de que os conhecimentos adquiridos ao longo da escolarização deveriam possibilitar ao jovem domínio de linguagens, compreensão de fenômenos, enfrentamento de situações problemas, construção de argumentação e elaboração de propostas. (Ibidem, p. 35)

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) a avaliação serve de referência para tomadas de decisões. Para Depresbiteris (1989) é um momento de contato direto com o professor que tem uma proposta para o grupo e através da avaliação, mostra onde o aluno está e qual a expectativa do professor em relação a ele. O fato do aluno saber qual a finalidade do trabalho é estimulante para ele. Já o Enceja (*apud* Progresso, 2004) prioriza as competências e habilidades que

² A Biblioteca Ruth Rocha é a biblioteca da EMEF Padre Francisco Silva.

serão desenvolvidas através da reorganização mental dos conteúdos aprendidos instrumentalizando o aluno para o enfrentamento e a resolução de problemas cotidianos utilizando para isso as diversas linguagens. Neste caso, artes juntamente com educação física, passa a fazer parte do grupo de linguagens.

Enceja (2002 *apud* Progresso 2004), indica também as competências a ser desenvolvidas:

Levando-se em conta as competências cognitivas básicas e as que abrangem diferentes linguagens e códigos, chegou-se às nove competências da área com as quais os estudantes devem estar familiarizados na conclusão do Ensino Fundamental . (p. 48)

Assim, das nove, as competências que se relacionam à Arte são:

Compreender a arte e a cultura corporal como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo e respeitando o patrimônio cultural, com base na identificação de padrões estéticos e sinestésicos de diferentes grupos sociais (Ibidem, p.49).

Compreender as relações entre arte e a leitura da realidade, por meio da reflexão e investigação do processo artístico e do reconhecimento dos materiais e procedimentos usados no contexto cultural de produção da arte (Ibidem, p.50).

Em meu planejamento, o qual desenvolvi também na outra escola em que leciono (Progresso, 2004)³ elegi, considerando como competências importante no trabalho com artes visuais:

- Reconhecer as linguagens artísticas como elementos integradores dos sistemas de comunicação e construir uma consciência crítica sobre os usos que se fazem deles.
- Compreender a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo e respeitando o patrimônio cultural com base na identificação de padrões estéticos de diferentes grupos sócio-culturais.
- Compreender as relações entre a arte e a leitura da realidade, por meio da reflexão e investigação do processo artístico e do reconhecimento dos materiais e procedimentos usados no contexto cultural de produção da arte.
- Conhecer, apreciar e refletir sobre as produções individuais e coletivas de distintas culturas.

³ Aqui, faço referência ao planejamento desenvolvido por mim em uma escola da rede privada de Campinas, o Colégio Progresso.

- Compreender o desenvolvimento artístico e estético, caracterizando-os como um modo particular de dar sentido às experiências pessoais, ampliando a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação.
- Analisar criticamente as diferentes produções, inclusive a própria, desenvolvendo a capacidade de avaliação.
- Saber organizar informações sobre a arte em contato com artistas, documentos, acervos, reconhecendo e compreendendo a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias.
- Usar os conhecimentos adquiridos no trabalho com Artes para expandir sua capacidade de uso das diferentes linguagens, procurando relacionar-se de forma criativa com as outras disciplinas do currículo.

Só depois de definidas competências e habilidades, é possível discutir os projetos que serão trabalhados com as professoras da classe para definir os conteúdos.

Quando iniciei a escrita deste texto sentia-me insegura. Tinha ouvido muitas coisas em nosso grupo, lido alguns textos, relido outros. Muitas idéias fervilhavam em minha cabeça. Concordava com muitas das coisas que lia. Achava algumas idéias maravilhosas, porém quando analisava minha prática de avaliação, percebia que não vinha se encaixando com as idéias que muitas vezes eu dizia que acreditava. Quando comecei a escrever percebi que muitas vezes minha dificuldade em avaliar era pelo fato de não ter bem claro o objetivo daquela atividade. Muitas vezes eu sabia que era importante para a criança, porém não tinha embasamento teórico, fato que acaba gerando insegurança. Buscar fundamentação, pensar e repensar sobre o trabalho, avaliar. Ter que escrever sobre o assunto gerou um tremendo conflito em meu trabalho. O planejamento ganhou novo status e passou realmente a caminhar junto com a avaliação.

Assim, concluí que, ao montar meu planejamento, devo ter em mente as competências a serem desenvolvidas a longo prazo. Isto deve estar muito claro para mim em todas as séries. Este é o pano de fundo do planejamento. A partir daí, devo selecionar para cada série as habilidades a serem desenvolvidas que estarão relacionadas ao desenvolvimento da criança. Como exemplo, se eu colocar: *recortar adequadamente com a tesoura* como uma das habilidades a ser desenvolvida na primeira série,

posso, através de uma atividade de recorte, avaliar como está o recorte daquela turma. A partir daí verifico quais crianças ainda precisam desenvolver esta habilidade. Devo ter esta anotação comigo e ir orientando a criança para que ela tenha condições de resolver este problema. Pode acontecer de, a partir desta avaliação, perceber que toda a classe já domina esta habilidade. Este fato se dá porque normalmente elaboro o planejamento antes de uma avaliação prévia.

Desta forma, é possível possibilitar aos meus alunos, o desenvolvimento nas linguagens visuais que inclui aprendizagens de técnicas, procedimentos, informações sobre história da arte, dos artistas e das relações culturais e sociais envolvidas na experiência de fazer e apreciar a arte. (Progresso, 2004)

Esta mudança de foco no planejamento, colocando as habilidades e competências em destaque, transformou a forma de pensar e organizar meu trabalho. Não é apenas o trabalho em si o que importa, mas o caminho que a criança vai percorrer para poder ao final do ensino básico ser um apreciador de arte. Ter condições de dizer se gostou ou não de determinada obra e dizer o porquê. Comparar as diversas linguagens e o que é importante, ter condições de usar a arte como uma linguagem, escolhendo materiais e técnicas para colocar suas idéias em prática.

Fazendo um paralelo de meu planejamento com o conceito de avaliação do PCN (p. 81), é possível ir avaliando o trabalho dos alunos e levantar as maiores dificuldades do grupo ou de casos isolados e assim refazer a proposta de trabalho. Para refazer a proposta, preciso avaliar meu trabalho, (re)olhar para meu planejamento e (re)elaborar a proposta. Para o aluno é importante saber que aquele é um trabalho artístico, não é um “trabalhinho” qualquer. Ali há algo a ser aprendido, desenvolvido. É importante também perceber que nesta visão a escola não fica de fora. Há uma parcela de responsabilidade para ela também na hora de saber o que está falhando no processo educacional, o que precisa ser melhorado e o que é possível melhorar para que toda a escola possa ter êxito.

Já a visão de Depresbiteris (1989, p. 55), que achei muito interessante, acrescenta algo à proposta de avaliação: *O aluno estuda os resultados juntamente com o professor e comparados com ele próprio.*

Nestes dois casos, um completando o outro, percebo a importância do professor ter muito claro, os caminhos onde quer chegar bem como aqueles que está percorrendo no momento, para que ele sintasse seguro e passe esta segurança ao aluno e a toda a equipe que trabalha com a turma.

Penso também que, na forma como o professor trabalha hoje, a nota é algo muito prático. Não há tempo disponível para se conversar individualmente com o aluno. Outra questão é que há uma cobrança quanto a isso, não só do aluno e dos pais, mas da própria instituição que não tem outra forma de aprovar ou reter o aluno.

PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM: ALGUMAS ESPECIFICIDADES

Grupo de Pesquisa em Ensino Superior

Dando ou não nota ao aluno, é importante ressaltar que após estes TDCs, estes GTs, as leituras, os sofrimentos, as reflexões, os seminários, o escrever e (re)escrever este texto me proporcionaram colocar as idéias em ordem e entender melhor minhas próprias idéias e minhas idéias em relação às leituras. Foi um tempo de muito aprendizado, aprendizado que com certeza só começou.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais (PCN)**: terceiro e quarto ciclos do ensino Fundamental, DF; MEC 1998. 9V

COLÉGIO PROGRESSO. **Planejamento de artes**. Campinas, 2004.

DEPRESBITERIS, L. **O desafio da avaliação da aprendizagem**: dos fundamentos a uma proposta inovadora. São Paulo, EPU, 1989.

MARIA STELA BERALDO LIMA

Professora de Artes das séries iniciais da
EMEF Padre Francisco Silva.
e-mail: stela_beraldo@hotmail.com

ARTIGO RECEBIDO EM: 10/01/2006-05
Aceito para publicação em: 09/05/2006